

DESABRIGO

Antônio Fraga



RELENDO UM CLÁSSICO

Antônio Callado

Num ano longínquo, de 1943 ou 44, a Editora Macunaíma, rua São José, no Rio, publicava *Desabrido*, uma novela de 42 páginas de extensão e de um exíguo formato de cartão-postal. Autor, Antônio Fraga.

Retiro hoje da estante o pequeno livro e recupero, mal leio as primeiras palavras, a mesma expressão de descoberta, o mesmo prazer do texto que senti na leitura de há quase meio século: "Cobrinha entrou no buteco e botando dois tista no balcão pediu pro coisa

- Dois de gozo.

Coisa atendeu à la minuta Largou no copo talagada e pico de água-que-passarinho-não-topa e sem tirar a botuca da cara de cobrinha empurrou o getulinho.

- Tou promovendo a bicada".

Um clássico é um livro em que o que aconteceu está sempre acontecendo. Abrir um clássico é feito abrir porta de casa habitada: tem gente viva lá dentro. *Desabrido* se passa no Estácio e no Mangue e usa gíria sem parar. Como se sabe, ou se julga saber, a fala muito popular é coisa que sai de moda. Mas peguem *Desabrido*. A fala dos anos 40 continua corada. Louçã, como diria um dos professores emproados que passam e repassam pelo livro. Vejam essa amostra colhida quase a esmo. *Desabrido* está contando a história do Vigário:

"... pois como ia lhe dizendo eu tava a nenhum quando conheci a durva Mulher é um bicho safado mas ela era do peito e disse que ia me defender o algum com a patroa Pensei que a durva ia meter um vale mas pensei errado Ela chegou foi com um porrihã de chuveiros e um bobo de platina".

O Vigário irritado pergunta: "Bobo?"

DESABRIDO
Antônio Fraga



COLEÇÃO
Biblioteca Carioca





DESABRIGO

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Cesar Maia

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Helena Severo

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E
INFORMAÇÃO CULTURAL
Graça Salgado

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO
Heloisa Frossard

CONSELHO EDITORIAL

Graça Salgado (*presidente*), Anna Maria Rodrigues,
Heloisa Buarque de Hollanda, Renato Cordeiro Gomes,
Beatriz Resende, Paulo Roberto Elian dos Santos,
Margarida de Souza Neves, Heloisa Frossard,
Margareth da Silva Pereira, Alexandre Nazareth e
Lygia Marina Pires de Moraes.

DESABRIGO

Antônio Fraga

Ilustrações: Poty

1995

2ª Tiragem



COLEÇÃO
Biblioteca Carioca

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural
Divisão de Editoração

Coleção BIBLIOTECA CARIOCA

Volume 10

Série Literatura

Organizadora

Heloisa Frossard

© 1995 by Therezinha Eunice Manga Fernandes

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

ISBN 85-85096-11-X

Capa

Heloisa Frossard

Projeto gráfico

Regina Côrtes

Ilustrações

Poty

Equipe de editoração

Ana Lucia Machado de Oliveira, Célia Almeida Cotrim, Diva Maria Dias Graciosa e
Rosemary de Siqueira Ramos.

catalogação: Diretoria de Bibliotecas C/DGDI

Fraga, Antônio, 1916-1993

F811d Desabrigo / Antônio Fraga. — Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de
Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

88 p., il. — (Biblioteca Carioca, v. 10, série literatura)

I. Título. II. Série.

CDD B869.3

CDU 869.0(81)-3

Divisão de Editoração C/DGDI

Rua Amoroso Lima nº 15, sala 112 Cidade Nova

20211-120 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone (021) 273-3141

Telefax 273-4582

SUMÁRIO

Marginalismo e Vanguarda	
Prefácio de João Carlos Rodrigues	9
DESABRIGO	
Primeiro Round	17
Segundo tempo	35
Terceiro ato	55
Glossário	
Nota do Autor	71
Depoimentos	83

DESABRIGO: MARGINALISMO E VANGUARDA

João Carlos Rodrigues

A literatura brasileira, infelizmente, tem poucos exemplares de obras produzidas pelas classes marginalizadas, em suma, a voz do outro. Não me recordo de nada parecido com as memórias de ex-escravos, caciques índios vencidos ou criminosos condenados que existem, por exemplo, na literatura da Inglaterra e dos Estados Unidos. Entre nós a atividade literária esteve sempre mais ligada aos bacharéis, padres e cientistas, à voz do dono, portanto.

As poucas exceções são quase desconhecidas: O trovador da malandragem, memórias do cançonetista Eduardo das Neves na primeira década do século; a obra do romancista Lima Barreto na década seguinte e a do baiano Manuel Querino, antropólogo autodidata; Quarto de despejo da favelada paulista Carolina Maria de Jesus na década de 60; as memórias do marginal Madame Satã ditadas ao jornalista Silvan Paezzo dez anos depois; livros da época do cangaço, do chorinho etc. Deve haver outros sobre a imigração interna e externa e o movimento operário anarquista. O que falta por vezes em estilo e sofisticação nesses escritos abunda na sinceridade e na novidade do ponto de vista. O marginal intelectual portanto existe, e é necessário ouvi-lo.

Desabrigo, de Antônio Fraga, escrito em quatro dias no final de 1942 e publicado pela primeira vez em 1945, pode se enquadrar nas obras desse tipo. Expulso de casa pelo pai aos 16 anos, o autor foi morar em 1933 na zona do meretrício do Mangue, onde enturmou-se com malandros e mulheres da vida. Trabalhou posteriormente na imprensa e no rádio. Mora hoje afastado na periferia e, com mais de 70 anos, tem outras obras inéditas.

Sob um aparente desleixo, a construção da narrativa é muito complexa e moderna, o que já destaca o livro do grupo anterior, o dos "primitivos". Embora afirme sempre: "não fui para o Mangue como intelectual", Fraga não pode escapar à sua condição de homem culto, mesmo que não pertencente às classes dominantes. O livro se divide em três partes.

O título da primeira sugere confronto e violência (Primeiro round), o da segunda, competição e lazer (Segundo tempo), e o da última, simulação e tragédia (Terceiro ato). E, pensando bem, essas podem ser as principais sensações da vida paradoxalmente tediosa e imprevisível dos malandrinhos da Cidade Nova.

Cada parte subdivide-se em seis ou sete pequenos tópicos, onde se descreve o cotidiano de três malandros, sem grandes surpresas: bilhar, caçaça, bordel, samba, navalhada, polícia, bate-papo. Apesar da diferente ambientação (e bota diferença nisso), a forma não é muito diversa do Brás Cubas (1888) de Machado de Assis e do João Miramar (1923) do Oswald de Andrade, com seus pequeninos tópicos e comentários. Outros momentos chegam a lembrar o neo-realismo italiano tão em moda no pós-guerra; de súbito a intervenção direta do autor na trama quebra a verossimilhança. Exemplo: dois personagens conversam pelas ruas, quando lá pelas tantas, "eis senão quando para evitar repetições de truques literários o autor resolveu botar um bonde nessas linhas Botou Então Anatole aproveitou e disse que ia tomar aquele bonde porque tinha um encontro urgente . . ." Em outro trecho delicioso, um bêbado conversa com um poste, que responde em inglês, num recurso surrealista totalmente inesperado e muito bem-sucedido. Volta e meia, na primeira e terceira partes, Fraga interrompe violentamente a narrativa para incluir cinco tópicos que intitula Pontos de vista e que nada mais são do que citações de autores sobre o uso do calão e da gíria na literatura (os brasileiros Campos de Carvalho e Guerreiro Murta, o espanhol Azorin, o francês Henri Bauche e o italiano Pirandello). O trecho dos autores estrangeiros está na língua original. Isso permite supor que, além de ser escrito por um intelectual, o livro também se destina a intelectuais e tem pretensões artísticas, a meu ver plenamente alcançadas.

Desabrigo ficou célebre quando do seu lançamento, por ter sido o primeiro livro publicado em gíria. Na verdade, antecede mesmo a obra de Jack Kerouac e Jean Genet no que se referê ao uso literário do linguajar popular. Em relação a este último, que aborda o universo semelhante dos viados e ladrões, e cujo estilo Sartre comparou ao classicismo de Racine, é interessante voltar a frisar a proximidade de técnicas do marginal Antônio Fraga ao clássico Brás Cubas de Machado. O fluir dos diálogos, com suas construções por vezes rebuscadas da gíria e das citações particularíssimas — que levou o livro a ser defendido pelo filólogo Celso Cunha e adotado nas suas salas de aula — é outro grande trunfo do autor. Repare-se no quase inexistente uso de palavrões, que formam um leve exagero nas vigo-

rosas peças realistas de Plínio Marcos sobre personagens da mesma laia, *Dois perdidos numa noite suja* (1967) e *A navalha na carne* (1969). É a prosódia brasileira, correndo solta como nos sambas de Moreira da Silva, Bezerra da Silva, Adoniran Barbosa e Noel Rosa. Este último, aliás, já dizia: "Tudo aquilo que o malandro pronuncia / Com voz macia / É brasileiro / Já passou de português" (Sem tradução, 1933).

Desabrigo é narrado na terceira pessoa, outro sintoma de possível afastamento entre autor e personagem. Ou melhor, julgamos que seja assim até a última página, quando um deles senta à máquina de escrever e bate o primeiro parágrafo do livro, num círculo vicioso que é outro artifício sofisticado do nosso Fraga. Este personagem se chama Evêmero, intelectual porrista que anda pelo Mangue junto aos malandros Desabrigo, Cobrinha e Miquimba, no bordel de Margô e no Café Bar e Bilhares Flor do Estácio. Evêmero não é acadêmico e reage como seu amigo Anatole, tem até um texto em ortografia própria intercalado com português arcaico como para provar as mil possibilidades e evoluções da nossa língua. No livro, Evêmero é Antônio Fraga, mesmo que este na vida real tivesse o apelido de Cobrinha. Me parece particularmente amargo que o autor ironize tanto a impotência do personagem que é o seu alter-ego (como se o real marginal Cobrinha risse do escritor Antônio Fraga) no texto abaixo, perto do final, quando Evêmero quer tomar uma atitude pela prisão de seu amigo Desabrigo:

Evêmero então foi indo para casa e foi pensando "É preciso fazer mesmo alguma coisa. Isso não pode ficar assim!" Metralhadoras pipocavam na imaginação dele "É preciso fazer qualquer coisa — um esbregue danado medonho ou uma revolução" Bombas explodiam arrebentavam quebravam casas matavam sacanocratas ensanguentavam o horizonte como um novo sol "É preciso fazer alguma coisa — agir, agir, agir . . ."

Tava perto de casa e deu uma espiada no relógio Entrou pisando forte Olhou de novo pro roscofe Meia-noite Tussiu (3 vez 3 igual a 9 mais 1/2 da noite igual 9 1/2) nove vezes e meia Despiu o paletó (metralhadoras metralhadoras metralhadoras) arregaçou as mangas da camisa (metralhadoras metralhadoras metralhadoras) e metralhou na reminton . . .

Assim acaba e começa Desabrigo. Gostaríamos, e temos certeza que também o restante do público leitor, de ter acesso a outros livros deste interessante autor. Acredito piamente que a avaliação do talento dos artistas deve ser feita em vida, e não postumamente, como é costume entre nós.

Para mim mesmo, com muita estima.



PRIMEIRO ROUND

BANZÉ

Cobrinha entrou no buteco e botando dois tista no balcão pediu pro coisa

– Dois de gozo

Coisada atendeu à la minuta Largou no copo talagada e pico de água-que-passarinho-não-topa e sem tirar a botuca da cara do cobrinha empurrou o getulinho

– Tou promovendo a bicada

Depois de enrustir o nicolau e derramar gole pro santo cobrinha mandou o lubrificante guela abaixo Já desguiava quando pulga mordeu ele atrás da orelha e ele falou pra dentro “Quero ser mico catar bagana e coisa e loisa se nessa coisa do

coisa não tem coisa” Então voltou e falou pra fora

- Promovendo por quê?
- Acertei um totó no veado ...
- Que tem isso com o peixe?
- Por causa do mano
fez coisada que patolando um jornal mostrou pro cobra

SURURU NO MANGUE

Alta madrugada oscar pereira vulgo desabrigo topou na rua benedito hipólito com seu velho desafeto amaury dos santos silva mais conhecido na zona do canal e redondezas por cobrinha Gastando sutilezas do vernáculo cobrinha mandou o outro à ponte que caiu e como o já citado outro solicitasse a gaita da passagem lhe deu um tapa ficando a rua assim de gente pra ver o frege Ao ser esculachado desabrigo gritou que era macho e partiu feroz pra dentro de cobrinha empunhando um ferro Este sem dizer ao menos mes amis mes ennemis cherchez l'étoile du matin comprou uma sueca num marujo que gozava o esporro e deu uma solinjada na cara do parceiro abrindo larga avenida na referida cara Com a chegada da canastra cobrinha azulou e desabrigo foi encaminhado ao pronto-socorro onde teve oportunidade de fazer elogiosas referências às novas instalações

Acabávamos de rabiscar esta notícia quando fomos informados de que o delegado anacreonte feitosa em hábil diligência conseguiu encanar quatro estivadores pois suspeita que a sueca tenha entrado de contrabando pelo vapor mauritânia



GENTE DE FAMÍLIA

Durvalina largou o jornal apagou a lâmpada e se espichou no berço Na porta do barraco desabrigo escolava a pivetada

— No tempo dos bondes de burro existiu meu velho O falecido era mesmo do bafafá Quando a pilantragem via ele dava os pirantes com medo da seção de esquentada e os bacanaços vinham puxar saco por causa do doutor machado

E desabrigo contou um bocado das vantagens que o velho dele fazia Só depois que os pivas já tavam espantados é que ele contou a desvantagem

— Pra vocês ver como homem era bicho otário com mulher naquele tempo vou contar uma ursada que uma dona fez com ele igualzinho como ele me contou ...

Não contou logo Pensou primeiro no velho e no jeito bonzão que ele tinha de tocar cuíca — cuíca na mão do velho até tocava ópera!

— O velho falou assim “Me chamaram uma vez pra ir tocar cuíca num fandango Pois eu fui A farra ia bem quando uma dona se plantou perto da bateria e ficou grelando meu jeito de tocar Virou mexeu mexeu virou a gente se atracamos num maxixe e larguei as cantadas em cima da cuja Falei falei falei mas ela ficou fazendo flozô ‘Porque papai é brabo e mamãe não gosta ... Pode ser mas tá difícil ...’ e mais uma porção de leros Porém como duma boa conversa ninguém não se livra a tal acabou entregando os pontos

“Não é que dias depois eu gemia mais do que cuíca! Tava engalicado até a alma e fiquei mancando da perna um porrão de tempo!

“Quando fiquei sarado fiz uma jura Se daqui pra frente eu largar as cantadas de novo em mais alguma gente de família me esqueço que sou nagô legítimo capanga do pinheiro machado e vou catar papel na rua ”

Desabrigo parou um bocado botou um crivo na boca e falou fazendo pouco

— Isso foi no tempo em que homem dava lugar pra mulher no bonde

Deu as palas pros pivas numa gaitolina alta e disse que era escolado que mulher com ele tinha é que meter os peitos senão mandava andar Dentro do barraco durvalina que tava escutando tudo fez cara de "o seu dia chegará" ...



– PONTO DE VISTA

Para os que infelizmente não tiveram a sorte de pousar os olhos num artiguinho que o tão renomado como modesto escritor campos de carvalho estampou em o número de 15-IX-41 de “Planalto” transcrevemos este bocadito

“Entendem eles que para nos emanciparmos do jugo português devemos, o quanto antes, emanciparmos da língua lusitana a nossa língua, e o melhor meio de o fazer será abrigarmos no idioma novo toda forma de linguagem chula, de calão, de barbarismos e de sujeira em que, desgraçadamente, sempre foi fértil o linguajar do povo. Em vez dos clássicos, dos puristas, dos Camões e caterva dos séculos passados, falem e pontifiquem os malandros, os analfabetos, os idiotas, as prostitutas e a ralé mais baixa.”

PALPITES

Cobrinha andava teso pra chuchu Embora fosse safo tava dando uma azia danada Bem que ele podia afanar um estácio ou topar o basquete mas não era guindaste para enfrentar bante e não queria se enalacrar com a dona justa

Quando coisada mostrou o jornal pra ele foi aí que pensou no bicho O mano era unha e carne e bem que podia largar um palpite pra ele né? O coisa falou que poder podia

– Só há um porém

– Mande lá!

– Não vá se abra por aí

e coisada foi explicando loguinho em ritmo de samba que bastava comprar o jornal e ler todos desastres roubos cri-

mes que tivesse Ouvindo ele cobrinha pensava que agora sim ia comprar terno de tussor camisa tricolore sapato sola dupla

— ... se um portuga tiver sido afanado morto ou ferido jogue no burro espanhol no porco brasileiro na águia e gringo no gato

— Carcamano?

— Largue a grana sem dó no grupo do veado!

-- Pera aí coisada! então por que tu jogou no veado hoje?

Porque o delegado feitosa era anauê os anauê era parecido com os carcamano e como os carcamano corre mais do que veado ...



— Os anauê são frutas
acabou cobrinha mostrando a falha de ouro numa baita risada que coisada igualou Derrepentemente ficaram sérios tomaram outra lambada boa da gostosa e cobrinha saiu na ponta do pé pra dormir até a hora de tomar café e vendo que fruta não é homem mas mulher também não é saiu pensando no zé e falou

— Pois é ...

Três minutos depois do último período cobrinha subia o são carlos cheio de satisfa com vontade de dar boa noite pra todo mundo

Tava tão contente que começou a cantar com voz de radiador embriagado

*Ó lua cheia
cheia de graça
este teu bucho
tá repleto de cachaça*

Não tinha lua nenhuma ouvindo ele mas no céu de café estrela era mato

II – PONTO DE VISTA

Evêmero bateu a bota em mil-novecentos-e-quarenta-e-dois Semanas antes de bater ele disse não sei onde nem quando

“ ... vou escrever ele todo em gíria pra arreliar um porri-lhão de gente Os anatoles vão me esculhambar Mas se me der na telha usar a ausência de pontuação ou fazer as preposições irem parar na quirica das donzelinhas cheias de nove-horas ou gastar a sintaxe avacalhada que dá gosto do nosso povo não tenho de modo nem um que dar satisfações a qualquer sacanocrata não acha?”

W.C.

Metendo uma ginga lá nele cobrinha entrou no "café bar e bilhares flor do estácio" O gerente ia berrar que não tinha mais cabide pra pendurar nem tusta de cigarro quando o cobra pediu

— Dá licença de eu ir na privada?

— Tem gente

gerente explicou e teve vai-não-vai pra dizer que a gente era desabrido Mas viu que podia se dar mal na galhada e se agüentou

Desabrido se enfiara mesmo no w.c. para evitar encrenca Bem que bastava pra aporrinhar bastante uma carta que ele recebera assim

Senhor oscar

Cordiais saudações

Eu já andava queimada com o senhor porque me disseram que o senhor tinha dito que eu trabalhava pro senhor Ah meu Deus como eu fui boba! pensava que o senhor gostava de mim e o senhor estava me fazendo de boba Agora não quero mais saber do senhor porque já sei quem o senhor é Mesmo o senhor anda sujando o seu nome apanhando navalhada na cara e eu que fique envergonhada meu Deus! Não ligava pro dinheiro que dava pro senhor mas assim é demais!

Lhe aviso que vou fazer a vida na casa da sara de novo e só se o senhor não tiver vergonha é que o senhor vai lá Mas eu bato com a porta na sua cara com toda a força e lhe dou um bai-le e vou dizer na polícia as suas sujeiras Pra mim não tem dife-rença fazer vida na rua ou na janela

Quando vivi com o senhor fazia na rua e lhe dava o di-

nheiro dos michês agora quero dar pra cafetina

*Sem mais criada as ordens
Durvalina Pinto Lisboa*

P.S. Desculpe a letra

Aquele "apanhando navalhada na cara" era de amargar
Mas olhando pras paredes da latrina cheinhas de safadeza es-
crita e desenhada desabrigo tirou a forra lendo aqueles versos
célebres

*Neste lugar solitário
onde a vaidade se acaba
todo covarde faz força
todo valente se caga*

Depois puxou a válvula pra atender o aviso da gerência e
saiu mais aliviado

III – PONTO DE VISTA

O grande estilista professor doutor José Guerreiro Murta
assim opina sobre o uso da gíria no seu "como se aprende a
redigir"

"É preciso banir da arte a baixeza e a grosseria. Se a lite-
ratura é uma arte, não pode aceitar tudo o que entra na lingua-
gem trivial. Impõe-se uma escolha, mesmo quando se faz falar a
gente do povo ... Se o calão invadisse a literatura honesta, o no-



bre ofício de escritor tornar-se-ia desprezível e ajudaria a corromper os costumes.”

LOÇÃO MERCÚRIO

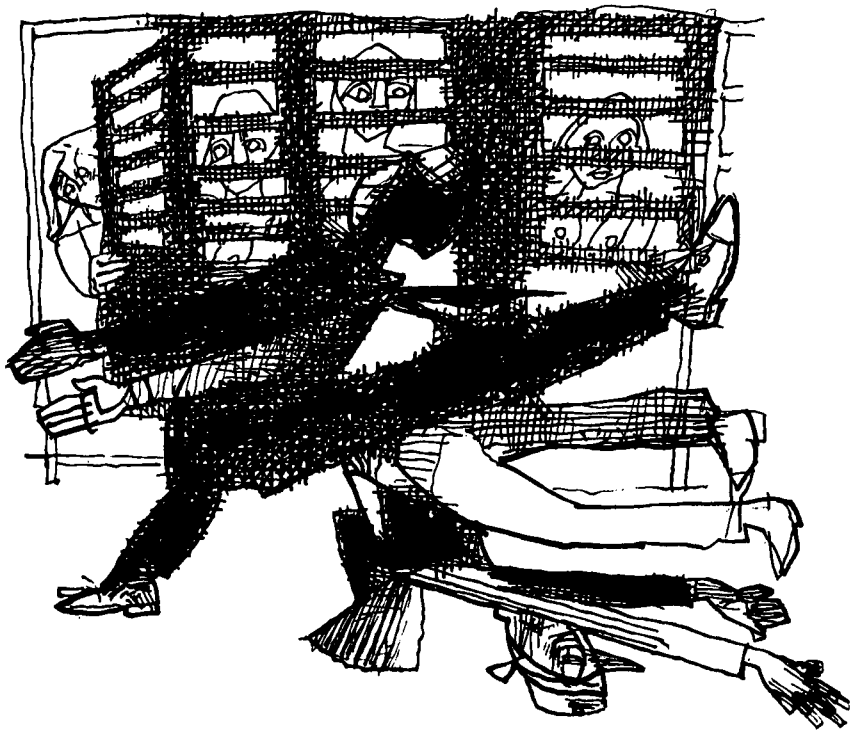
Tadinho do desabrigo! naquele dia tava pesado mesmo Não é que a durvalina pra dar dor de corno nele tava se abrindo toda na porta do café com o cobrinha?

Não há macumba nem igreja da penha nem centro espírita redentor que faça um cara criar tanto apetite como desabrigo naquela hora Largo do estácio foi pequeno pra ele se espalhar O outro largava o braço no pé do ouvido dele melado escorria e cadê que ele ligava? E aparecia malandro do pindura-saia de mangueira da vila e de todo canto saía homem mulher e criança pra ver o bate-fundo E até a tiragem batia palmas enquanto esperava que os dois acabassem pra meter eles no xilindró E todo o mundo vendo os dois agüentar a virada tanto tempo de mão limpa se espantava “Será o benedito?”

Mas daí a um nada desabrigo floreou o corpo feito mestre-sala enganou com a esquerda e mandou a direita Que rapa seu! O outro subiu dez metros e lá vai fumaça veio batizar o quengo na beira da calçada e ficou esparramado toda a vida

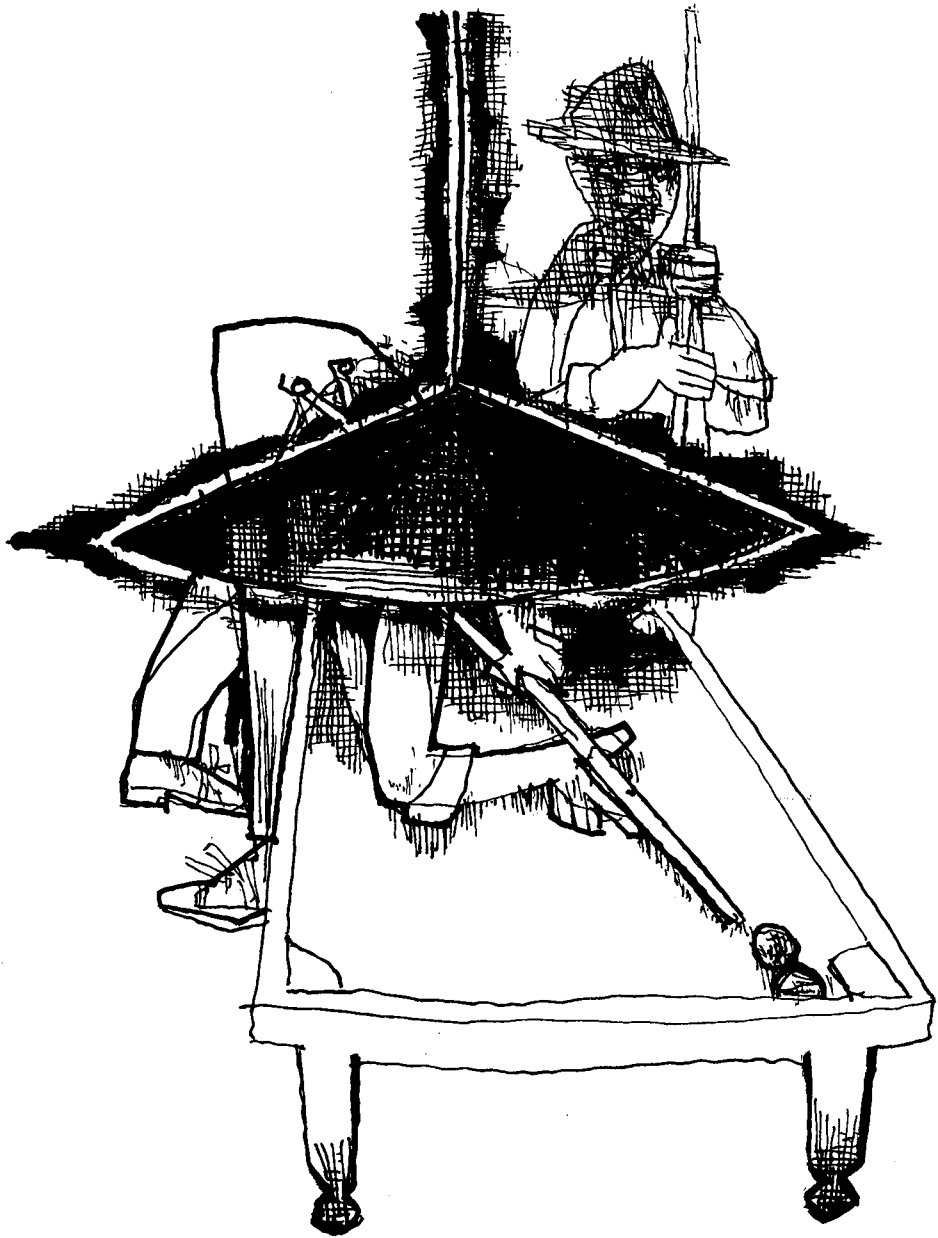
Foi aí que um camelô aproveitando o ajuntamento começou a dizer

— Os senhores vendo eu aqui me exhibir pensarão que sou um mágico arruinado que não podendo trabalhar no palco vem aqui fazer uns truques pra depois correr o chapéu pedindo uns níqueis Mas eu não sou nada disso Sou um representante da afamada fábrica de perfumes mercúrio que não manda distribuir prospectos não bota anúncio no rádio nem nos jornais nem mesmo anúncios luminosos Esta casa meus senhores pre-



fere contratar um técnico propagandista que saia por aí distribuindo gratuitamente os seus produtos. Entre os maravilhosos preparados da fábrica de perfumes mercúrio encontra-se esta loção — a afamada loção mercúrio que elimina a caspa e a calvície mas não dá cabo da cabeça do freguês. Se os senhores fossem adquirir este produto nas farmácias ou drogas-lhas cobrariam dez ou quinze mil réis. Eu estou autorizado a distribuí-lo gratuitamente às pessoas que adquirirem o reputado sabonete minerva pelo qual cobro apenas dois mil réis para cobrir as despesas da publicidade . . .

Um aqui para o cavalheiro . . . outro para a senhorita . . .



SEGUNDO TEMPO

DIREITOS DE LARGAR

... então margô tirou os panos todos e se deitou nuinha na cama pra arretar o brocha Mas parece que tesão ali era manga de colete O cara ficou *tranquille comme baptiste* até que margô não se agüentou mais e berrou pra ele

— *Dépêchez-vous!*

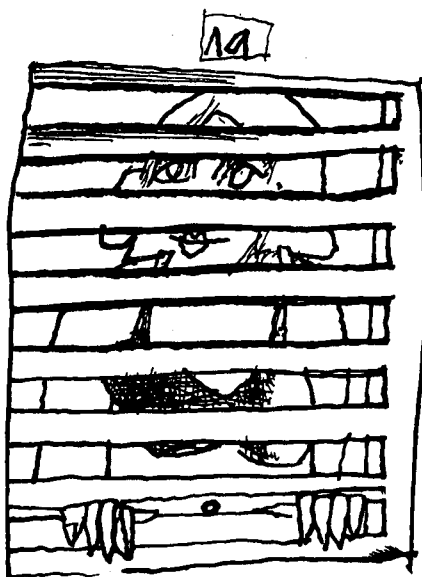
Pega o *micheton* falou se ela deixava *faire minetti* Quasi margô estrilou mas — tadinha! era uma *garce* “*Ça c’est mon blot*” pensou e deixou o michê fazer Antes porém se lembrou duma coisa e achou melhor avisar

— *J’espère le débarquement des anglais*

Tão pensando que o tal ligou pra isso? Neruscóide de piti-

biróides! Caiu de queixo na *conasse* da francesa que foi um gozo
Depois deu um galo pra ela e saíram pra fora

Durvalina tava na porta batendo papo com um cara que
era conhecido do cara que fizera o troço na margô O cara da
margô quando viu o outro se espantou



– Ué seu evêmero você por aqui?

O outro foi se espantou pro cara da margô

– Ué seu anatole você por aqui?

Margô é que não disse nada e foi pra dentro procurar a
sara O cara chamado anatole deu *au revoir* pra ela e ficou por
ali mesmo ajudando o cara chamado evêmero a dar trela pra
durvalina

Depois de escutar disse-que-disse-que-disse à beça evêmero
disse que tinha vindo procurar ela pra saber onde desabrigo tava

– Tava na dita mas já saiu

E contou a briga de desabrigo todinha pra evêmero

— Por causa disso é que ele foi pra dita

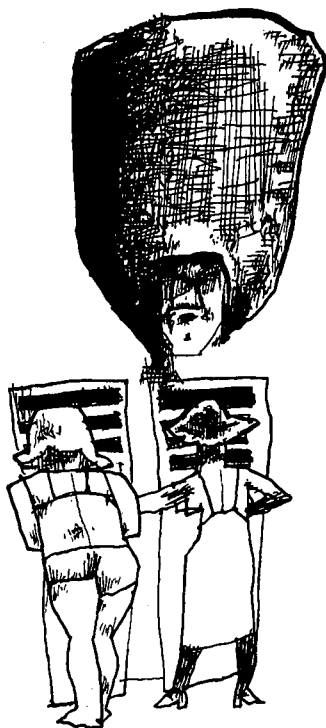
Anatole não sabia que diabo de bicho era a dita e evêmero explicou Foi aí que ele querendo bancar são jorge deu uma mancada feia

— A senhora não devia ter se deixado explorar por esse indivíduo Os cártens como sabe ...

— Não sei não quero saber e tenho raiva de quem sabe! Quando tu quer gozar não larga a gaitolina em bruto pra gente?

— Bom ...

— E se a gente quer largar a grana pro nosso gostoso não tem o direito também?



Sinuca de bicolina! Só tou pensando como anatole ia sair dela se uma esculhambação danada que saiu lá dentro não viesse tirar ele do aperto

— *Bon dieu de putain de garce! Bon dieu de bordel de merde! Bordel de dieu! Bordel à cul!*

Nem precisava durvalina dizer quem tava fazendo o carnaval mas ela disse que era a margô dando um baile na sara

— Na sara saracura que ninguém não atura

Margô chegou piçuda dizendo que a sara tinha dito que ela era capaz de meter mais michês que a margô e que se margô não metesse pelo menos vinte michês por dia podia desguiar Se virando pra evêmero margô disse que duvida-v-a-vá que a cafetina pudesse meter algum michê

— *Elle? Elle est comme la poupée d'jeanneton elle n'a ni cul ni fesses ni tetons * . . .*

MARMELADA

Embora a cara fosse mais lisa que uma tábua era pra mi-quimba a tábua de salvação Andava atrasadinho e falou pra tábua

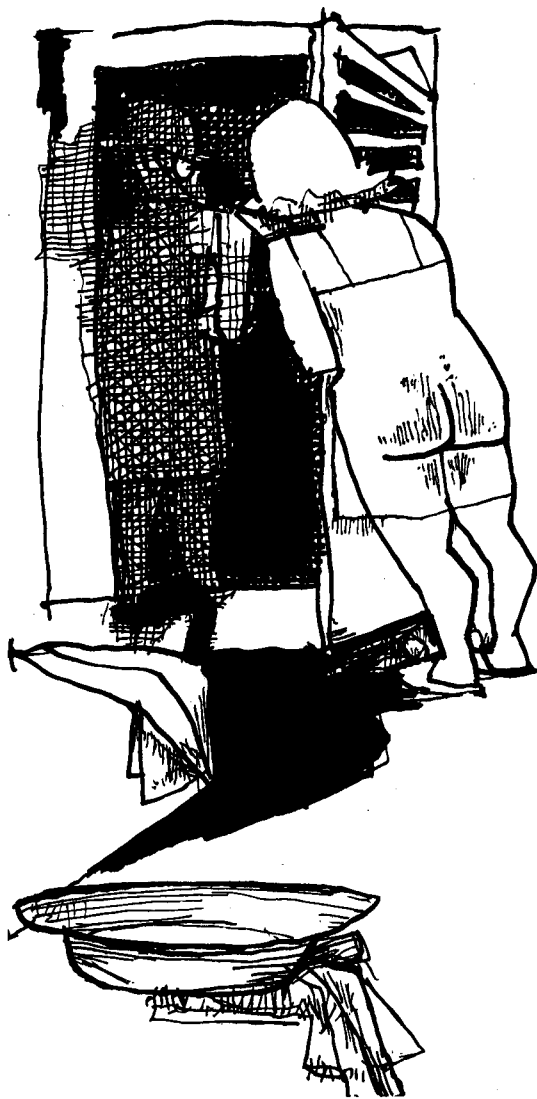
— Quer me fazer uma caridade neguinha?

Mas a neguinha não era do *salvation army* e respondeu perguntando

— Tu não se enxerga?

Miquimba ficou logo com vontade de plantar a mão na cara da sujeita mas ela atravessou a rua sirrindo toda prum cara parrudo que tava manjando eles da outra calçada

N. do A. Ela? Ela é como a boneca de Joanhinha. Ela não tem bunda, nem coxas, nem tetinhas.



Puto da vida miquimba foi pro “café bar e bilhares flor do estácio” e entrou com uma vontade doida de pegar um pato pra tirar a forra nele Encontrou desabrigo e como não tinha parceiro nem um para depenar numa sinuca convidou ele pra jogar bilhar francês Desabrigo topou e mandaram vir as bolas

– Quer saber desabrigo? – miquimba falou – Acho muito chato jogar só valendo o tempo

– Se tu me der trinta pontos pode valer os aperitivos e os bifés com fritas

– Neca! Os vinte eu dou mas se der mais é de colher pra você ... Nem chega a ter graça!

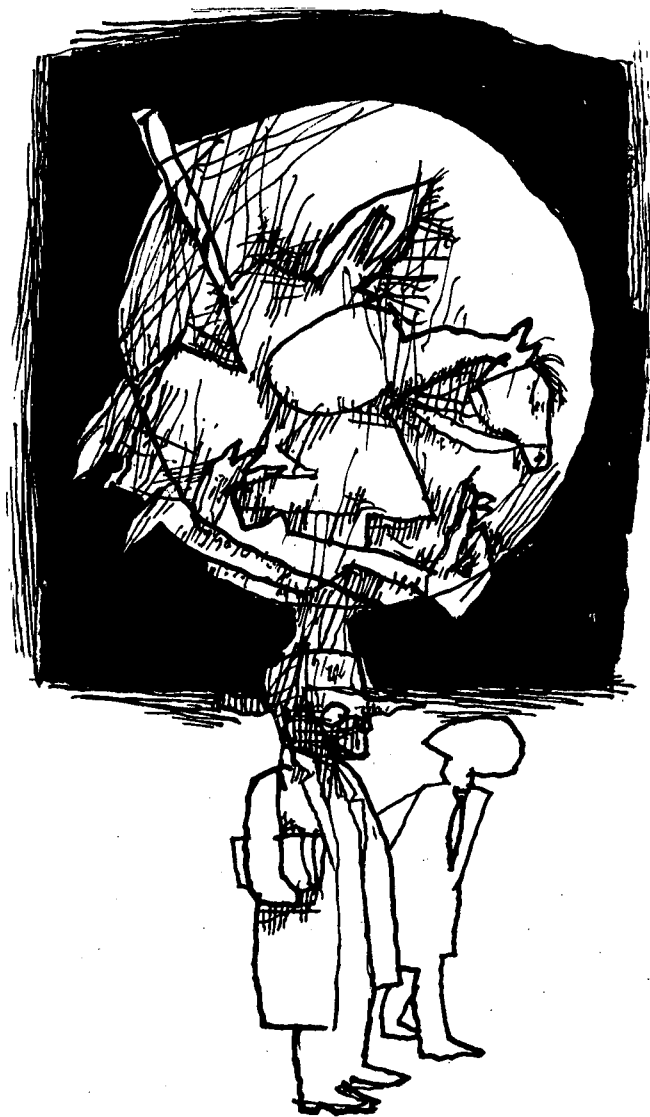
Combinaram então vinte pontos de partido e começaram Logo de entrada desabrigo deu de florear jogando de tabela Tava crente que ia dar um banho no miquimba Não sabia que o outro tava tapiando o jogo só pelo gostinho de ganhar apertado Se tava! Teve até uma hora que pra não fazer carambola miquimba cuspiu no mata-piolho e molhou a ponta do taco sem desabrigo ver. Nem tem que ver! O taco espirrou ali em bruto e miquimba bancou que tava triste como quem perdeu a mãe (dele) Outra hora fez a bola repicar de propósito só pra desabrigo marcar mais uma virada Mas porém quando tempo da partida ia se finindo miquimba tirou um fino impossível e deu um efeito ao contrário que até parecia cagada E cada bola seguida cada puxada que ele fez! E nas últimas cinqüenta carambolas – meu Deus do céu! – juntou as bolas tão bem que desabrigo falou aporrinhado

– Tem jogo aí pruma semana

E quando ele acabou de dar a tacada desabrigo largou o taco E quando ele perguntou se queria sair pra outra vez que não com a cabeça porque tava com um baita cagaço Taco é taco!

Entraram no reservado pra comer os bifés com fritas e miquimba puxou uma conversa pra desabrigo não se alembra que tinha feito feio Falou

– Tás fazendo ponto agora por aqui?



SÃO JORGE E O DRAGÃO

Sabendo por durvalina que desabrigo parava no “flor do estácio” evêmero foi pra lá Nas águas dele ia anatole dando palpite

— Parece que saímos dum outro mundo não? Que ambiente antinatural! E que linguajar! Se você não traduzisse o patuá daquela decaída juro que não haveria entendido patavina do que ela narrou acerca do amásio

Olhou pro céu pra ver se a lua tava lá Tava E são Jorge também.

— Como é mesmo aquele vocábulo esquisito significando detenção?

— Dita

— Que chulice!

Deu nova espiada pro céu pra ver se a lua continuava no mesmo lugar Continuava E são jorge continuava brigando com o dragão

— Você sem dúvida pretende escrever algo sobre essa gente não?

— Pretendo

— Logo vi Do seu conhecimento de calão deduzi o objetivo

— Será a única justificação para o meu interesse pela gíria? ... Vocês beletristas são gozadíssimos! Olham tudo na vida como motivo pra um conto Não suportam o ambiente — como é mesmo o palavrão? — antinatural em que vivem essas criaturas e querem encarcerá-las num mundo de papel!

— Perdão! Quem pretende escrever é você

— Pretendo é esbodegar com vocês e com o que vocês representam!

— É o método dos *boches*

— *Boches?*

A voz de evêmero foi correndo até o finzinho da rua júlio

do carmo bateu no muro do depósito de papel e repetiu por deboche

— *Boches?*

Evêmero falou mais

— Pra mim é gostorento como quê ver como vocês metem a ripa na gíria nacional e chamam os alemãos de *boches* Eternos anatoles frangos!

Anatole viu bem que o outro não tava falando com o umbigo dele mas fez de conta que era e pra disfarçar perguntou um troço

— Não entendi o sentido duma frase francesa que li hoje Você está em dia com o idioma de racine?

— Assim assim É de racine mesmo?

— Não consigo recordar o autor mas rememoro perfeitamente a frase cujo sentido suspeito que é de cunho gírico

E falou o que margô tinha dito pra ele na hora h Evêmero primeiro riu e depois espinafrou

— Tome vergonha anatole! Você ouviu isso foi da margô

Vendo que o grupo não pegava anatole bancou o espantado

— É mesmo! Nem me lembrava — e apontando pra cachola — Perca de fosfato ...

Olhou pro céu outra vez pra ver se são jorge tinha matado o dragão Lua são jorge e dragão tinham todos sumido ...

— Com esse negócio de desembarque dos ingleses margô quis te avisar que tava quasi de pacote

— Pacote?

— Desculpe Não me lembrava que você é estrangeiro *Elle espère la venue des règles menstruelles*

Naquele dia anatole tava mais pesado que desabrigo na página vinte e oito (LOÇÃO MERCÚRIO) desta quasi-novela Eis senão quando pra evitar repetições de truques literários o autor resolveu botar um bonde nestas linhas Botou Então anatole aproveitou e disse que ia tomar aquele bonde porque tinha um encontro urgente marcado na cidade Pediu meia trava com a

mão pro motorneiro mas teve que pegar o bonde nos nove pontos mesmo porque o motorneiro era casado tinha nove filhos morava em niterói se chamava manel e andava queimado com a tal de leite em pó!

UMA MÃO

O condutor deu a saída (tim-tim! . . .) e veio catando ní-queis (...dois pra leite e um pra mim) Cobrinha se agüentou e só quando o "faz favoire" ia chegando perto dele é que saltou floreado de costas deixando o galego no ora-veja

— Bá rouvaire oitro panilairo!

Deu uma banana pro babaca (toma) e por causa disso atravessou a rua pensando que se portuga fosse bicho inteligente podia ter dado uma resposta torta "Descasca e come!"

Comer! Tomara que o portuga tivesse mandado ele comer e que mão dele fosse uma banana de verdade Podia até ser um mamão né? Se uma mão fosse um mamão como seria bom Ah como seria bom se uma mão fosse um mamão!

Ele andava feito um vira-latas — uma esganação desgranhada De tão magro que andava vira-latas até que era gordo perto dele Tava tão magro tão que manhã cedinho quando entrara no café do compadre — lembrava — o garção perguntou

— O senhor vai querer leite?

Quasi vomitou o que não tinha no estômago

— Será que tou com jeito de quem tá com a brasileira?

— Não senhor!

— Deixe então de bobagem e me traga um parati

— Pequeno?

— É

O garçom não disse mais nem tico e foi. Foi sim mas é pensando que cobrinha tava tuberculino mesmo Cobrinha ficou pensando também uma coisa e quando o garção voltou pe-



diu um lápis e uma caixa de fósforos emprestados Batia uma cadência no pau-pequeno e escrevia um troço no mármore da mesinha E o garção danado pra saber que que ele tava fazendo e safado porque ele tava sujando o mármore Veio de fininho com o pano na mão pra reclamar e limpar mas aí viu o que era e disse

— Teja à vontade

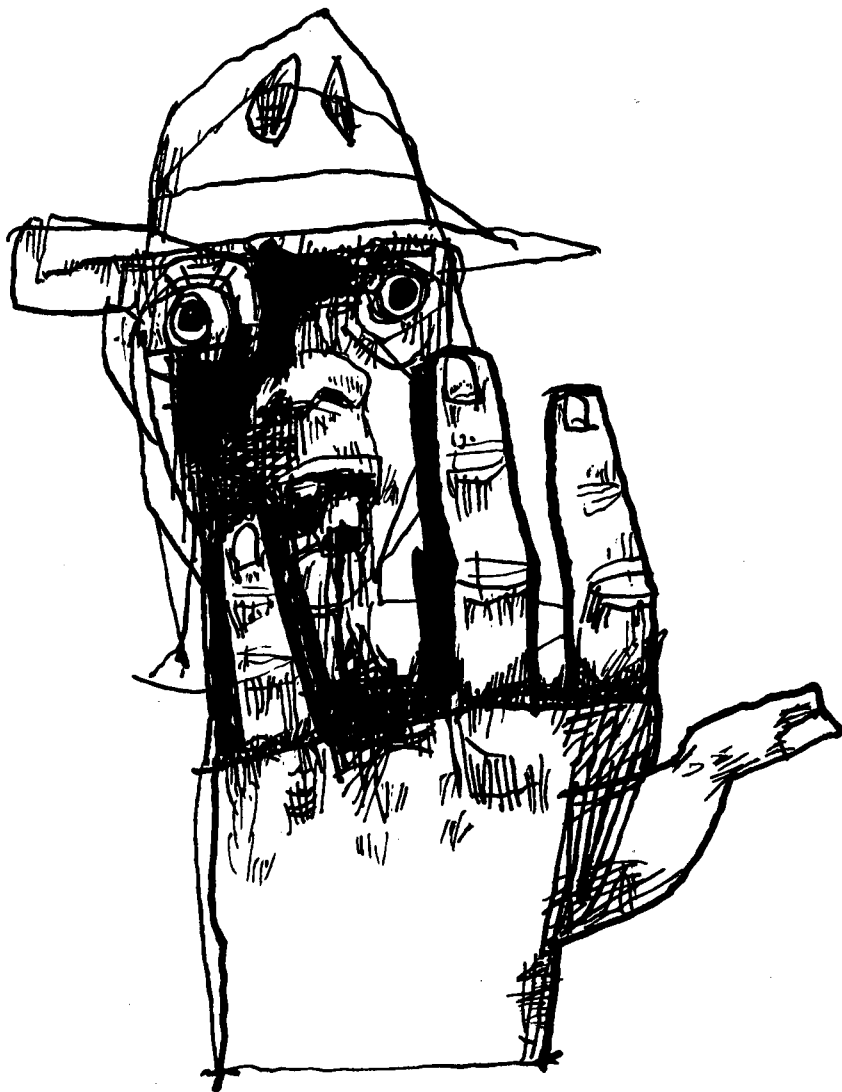
Cobrinha viu logo que o igualdade gostava um bocado do troço e cantou pra ele acompanhando na caixeta

*Quero ficar aloprado
tomando um porre danado
talvez a coisa indireite
Vou no buteco da esquina
o garçom chega e se inclina
— O senhor vai querer leite?*

POETAS E VAGABUNDOS

O cartaz na parede ensinava “Beba mais leite” Dono do “flor do estácio” dizia que aquele cartaz era um bom negócio Era mesmo Tão bom que quando desabrigo mais miquimba acabaram de boiar e viram o cartaz se lembraram na mesma horinha de tomar umas batidas de limão Depois tiraram o gosto ruim do limão com umas batidas de abacaxi e só depois desse depois é que desabrigo sentiu umas porradinhas nas costas Virou pra ver quem tava dando e ficou cheio de vento quando evêmero falou que tinha vindo só por causa dele e mandou logo o garção trazer três batidas duplas de tamarindo Apresentou também

— Esse aqui é o miquimba que já foi bicheiro jogador de



chapinha e agora vai ser beque do “poesia futebol clube”

– Muito prazer

– Muito prazer

Se apertaram as mãos e evêmero sentou Desabrigo pegou a falar

– Sabe miquimba? ...

Miquimba não sabia mas ficou sabendo que evêmero já tinha escrito poesia no jornal e agora ia botar num livro a vida de todo vagabundo e mulher da vida que ele soubesse

– ... não é seu evêmero?

Seu evêmero fez que sim com a cabeça e como já tava mais pra lá do que pra cá por causa das batidas deu de contar uma história comprida de miserê que acabou com um negócio assim

– Sou poeta por ser vagabundo ou vagabundo por ser poeta? A resposta depende muito de quem faz a pergunta Do ponto de vista ético todo poeta é vagabundo e do ponto de vista estético todo vagabundo é poeta Poeta ou vagabundo em potencial mas sempre poeta e vagabundo ou vagabundo e poeta Ora se entre poetas e vagabundos a diferença é milimétrica não acontece o mesmo entre vagabundos e malandros O primeiro é sempre um idealista e é portanto individualista enquanto que o segundo é pragmata e é povo Há entre os dois a diferença quilométrica que há entre uma balada de François Villon e um samba de Noel Rosa ...

Miquimba não tava pescando níquel e ia pedir pra ele trocar aquilo em miúdos quando Desabrigo disse

– Quando ele começa a falar difícil é porque já tá porradinho da silva



O POSTE

A milagrenta nossa senhora da grã-finagem do outeiro mandou a manicure embora e quando a manicure vinha vindo pra casa notou um vagabundo acampanando um pau d'água na rua machado coelho Viu logo que o vagabundo ia dar um golpe mas fingiu que não viu apertou o passo e quando chegou no largo do estácio com hadoque lobo encontrou miquimba

— Venha comigo depressinha moço acudir uma vítima do álcool que vai ser afanada por uma vítima de si mesmo

Miquimba tirou primeiro um fiapo no corpo da manicure Então vai perguntou

— Você faz uma caridade depois pra mim?

— Faço

Miquimba não conversou Meteu o calcanha na rua agarrado no braço da manicure e chegando na esquina de miguel de frias com machado coelho deu com cobrinha vendo se afanava evêmero

— Que que há mano velho?

Cobrinha deu o serviço

— Tem mais duma semana que não vejo grude e vou fazer a grana desse otário

— Então deste azar porque o nossa amizade tá com a cara e a corage Espetou agorinha uma porrada de batidas no "flor do estácio"

Reparou que a manga do paletó de cobrinha tava pingando sangue

— Solinjada?

— Não Foi por causa do mamão — e cobrinha pegou a contar que tava pensando em mamão e quando viu tinha comido o dedo duma mão — Distraimento ...

Enquanto ele contava a história pro miquimba evêmero foi indo e longe dali pra burro encontrou um poste do tamanho dum bonde Puxou conversa

— Sabe seu poste? Vou escrever um livro bom à beça ...

O poste só tinha tamanho e safadeza mas por causa disso é que andava cheio de complexo de superioridade e bancou que não tinha ouvido

— ... vou escrever ele todo em gíria pra arrelhar um porrilhão de gente Os anatoles vão me esculhambar Mas se me der na telha usar a ausência de pontuação ou fazer as preposições irem parar na quirica das donzelinhas cheias de nove-horas ou gastar a sintaxe avacalhada que dá gosto do nosso povo não tenho de modo nem um que dar satisfações a qualquer sacanocrata não acha?

Aquele era o único poste do mundo que não gostava de pau d'água Puritano até dizer chega Por isso é que não deu nem uma confiança pra evêmero e atravessou a rua todo circuncisfláutico feito um *gentleman*

— Ora seu poste vá à merda!

Quando o poste ouviu isso perdeu a linha Se virando falou assim pra evêmero como um postinho qualquer

— *Your self ye son of a bitch **

O guarda 69 vinha passando e evêmero disse para ele

— Por que não dá uma cana nesse poste malcriado seu guarda?

— Tá besta seu! Não tá vendo que ele é estrangeiro?

*N. do A. Você é um bom filho da puta



TERCEIRO ATO

CAFÉ PEQUENO

Tava chegando o carnaval de 42 quando cobrinha tomou um bonde errado Foi no "nice" café onde tão sempre mosqueando os que batem letras alheias nas caixas de fósforos compradas por dois níqueis pra ver se vendia o samba "bebe mais leite" com letra e música dele

Todo mundo achou que o samba era pra lá de mais melhor e outras conversas moles mas não quiseram comprar ele porque

— O samba é de chuí! Sucesso garantido Deixe por minha conta que eu falo com o galhardo e dou um jeito pra você na gravação

Ou

— Eu vou falar com aquela morena abafante da nacional pra ela programar na hora do abacaxi

E cobrinha veio mais teso do que nunca sem nem ao menos um crivo pra tirar umas tragadas Na praça onze se abaixou pra apanhar uma guimba na secura da vontade e quando procurou um parceiro pra pedir fogo foi aí que viu o miquimba na porta do cinema rio branco espiando cartaz Jogou a bagana fora e bateu no ombro do outro

— Me dá um cigarro mano?

— Se arreie em porta de igreja mas não peça em pé porque é muito feio

— Tás aí pra dar o teco miquimba?

— Como tu sabe meu nome?

— Então tu vai dizer pra mim que não lhe conheço?

— Como é que tu se chama?

— Vais dizer que não sabes que eu sou o cobrinha?

— Ué! ... é mesmo gente! Mas tu não eras maneta!

— Ah isso é uma história da fome! Tem um porrão de tempo que não pego gordura

e cobrinha pegou a dizer que um dia começou a pensar que a mão dele bem que podia ser um mamão e pegou a mastigar em seco pra tapiar o estômago Em seco? Viu que tinha engulido mesmo uma coisa e vai ver tinha sido o dedo Agora tava só com o cotoco de braço

— Até foi no dia que eu tava acampanando aquele porrista pra fazer uma autópsia lembra?

— Agora lembro Você até me contou que tinha comido o dedo por distraimento

E miquimba tirou um vale do china e deu pra cobrinha e disse que ia falar com um cara pra arranjar uma defesa pro cobrinha e foi embora E cobrinha se riu pra burro quando entrou no china marreco e o china gritou

— Salta um ovo talado! Bem passado! Fegueis não qué cu! . . .

IV – PUNTO DE VISTA

Azorin que com baroja unamuno e outros deu vastíssimo berro do ipiranga em prol da liberdade estética assim opina no já clássico “clásicos y modernos”

“La vida es lo que hace la obra de arte. La obra en que haya vida será bela con todas las incorrecciones de estilo que tenga, con su sintaxis defectuosa, con sus asonancias, con sus faltas de ortografía. Sin vida, no perdura, contrariamente, un libro, por aliñado, pulido y brillante que sea su estilo. No nos afanemos en hacer lo que hacian los escritores de hace tres o quatro siglos. Vivamos, apasionada y libremente, nuestro tiempo.”

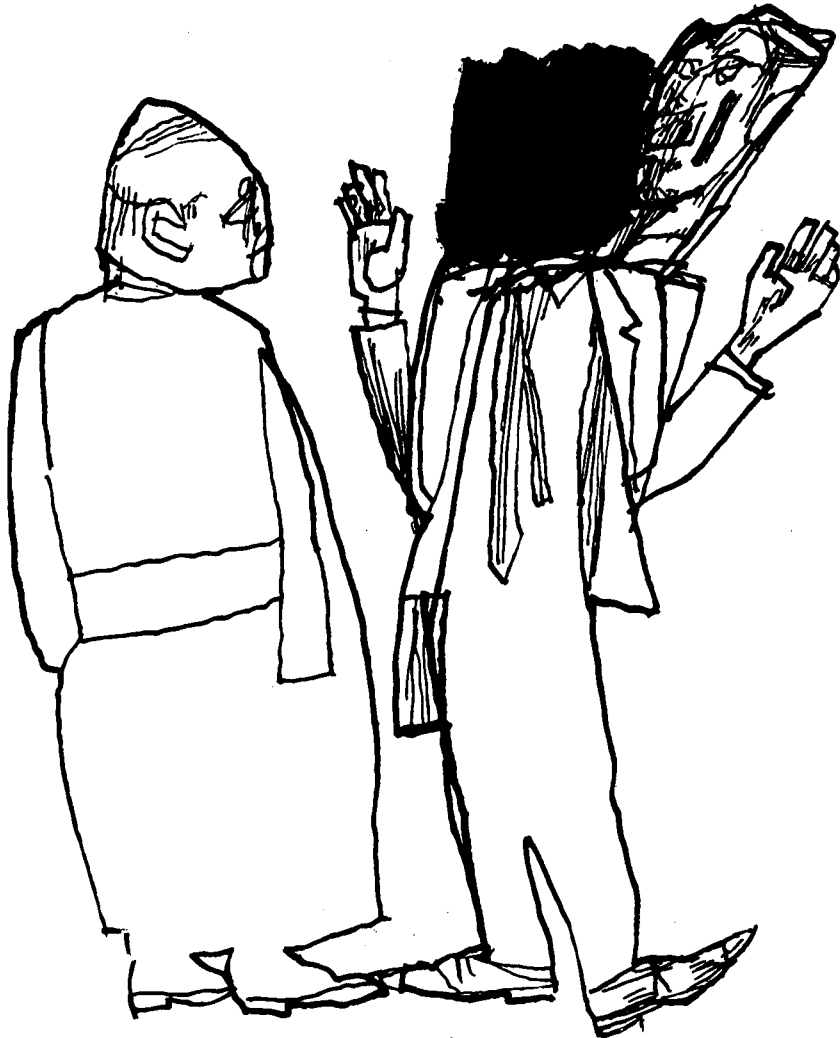
DE COMO EVÊMERO OPINOU SOBRE USOS E ABUSOS OU O RESULTADO DUMA DESCHATEAÇÃO

Dia paulificante aquele Chateado evêmero escreveu pra encher lingüiça

“Bem sei que nam he módica emprêza querer alguem introducir neotericas lingoagens no commercio das letras Diram orthographos e outras castas de philologos que em se tratando de lingoagem antiguidade he posto Isso porém me nam molesta Se consultarmos authores inda em uso hemos de topar nelles cousas que assi escrevem em seus abusos do desuso”

No parque nemoroso filandras engrinaldavam flabeladas comas perladas pelo rocio Alçando o níveo braço a tímida donzela colheu doirado pomo

“Já que assi escreveram os coelho neto e olac bilavo na sua falta de industria he então assas louvavel fazer do uso um



abuso e desvairar-se em abusos da usança? Se a esturdia dos indoutos assi me advertira lhes respondera no sentido da pergunta exhibindo hum exemplo como este

Colheu mais uma flor no jardim da sua preciosa existência a prendada senhorinha maria odete bretas fino ornamento da nossa melhor sociedade que dado os seus elevados dotes de espírito e coração recebeu as mais expressivas demonstrações de simpatia e apreço

“Logo vem indoutos e zoilos que tanto se semelham os escriptores que abusam do desuso como os que fazem do uso um abuso Disso dei prova e que he huma identidade de contrários eu o inculco com giordano bruno”

Evêmero descansou um bocadinho a cabeça e a munheca depois continuou

“Semelham-se essas cousas já por serem impopulares de difficeis ou por demasiado populares de faceis e nunca por serem do povo Serão do povo que no seo engenho he o creador das língoas no presente língoas que no futuro serão o pretérito mais que perfeito dos grammaticos porque o verbo mui depende de tempos e pessoas ...”

V – POINT DE VUE

Henri bauche escreveu especialmente pra aborrecer o nosso enorme campos de carvalho na sua “langage populaire”

“Le peuple de France a crée le français; il l’a fait, il l’a enfanté en ce qu’il a de véritablement français; il l’a mené jusqu’a nos jours au point où nous l’entendons aujourd’hui; et les écrivains et les savants, malgré une très grande influence dans la fabrication des mots nouveaux, n’ont fait que marcher à sa suite. En réalité, le vrai français c’est le français populaire.

Et le français littéraire ne serait plus aujourd'hui, à ce point de vue, qu'une langue artificielle, une langue de mandarins — une sorte d'argot . . .”

CONTO DO VIGÁRIO

Desabrido

... pois como ia lhe dizendo eu tava a nenhum quando co-nheci a durva Mulher é um bicho safado mas ela era do peito e disse que ia me defender o algum com a patroa Pensei que a durva ia meter um vale mas pensei errado Ela chegou foi com um porrihã de chuveiros e um bobo de platina.

Vigário

Bobo?

Desabrido

Quem trabalha pra homem é relógio seu vigário Por isso é que a gente chama ele de bobo

Vigário

Engraçado!

Desabrido

Vai ela me deu os negócios afanados e eu peguei botei eles empenhados na mão dum cara Ontem vi que tinha feito uma ursada com a durva coitada e me deu um remorso puto na cabeça Pensei “Vai ver que a pobre da moça pode ser presa por causa dessa sacanagem e gosta tanto de mim que até me passa-

va o algum de vez em quando'' Então vim aqui falar com seu vigário

Vigário

É meu filho você fez uma coisa muito feia Além do gravíssimo pecado de se apropriar de cousas alheias ainda ilaqueou a boa fé duma mocinha fazendo-a pecar Isso meu filho foi uma grave ofensa a deus!

Desabrigo

Eu já devo tar bem manjado por ele seu vigário Me lembro até que tropejou num dia em que eu tava chamando na chinha uma garota cabaçuda lá do pindura-saia

Vigário

O passado é passado meu filho Depois você se penitenciará das velhas culpas O mais premente é salvar a moça das garras de satã e da polícia ... Por quanto empenhaste as jóias meu filho?

Desabrigo

Duzentos mangos seu vigário

Vigário

Olha meu filho o altíssimo me diz que és a ovelha desgarrada a ovelha preferida do rebanho do senhor E eu humilde pastor que deus na sua santa bondade guia e ilumina eu meu filho serei o instrumento de que deus se servirá para tua salvação Vai buscar as jóias meu filho

Desabrigo

Com que gaita seu vigário?

Vigário

Eu te daria o dinheiro filho meu mas para que tentar o espírito do mal? Traz aqui a pessoa a quem confiaste as jóias que eu as resgatarei para maior glória do senhor

E desabrigo saiu da casa do senhor e daí bocadinho voltava trazendo miquimba com as jóias E seu vigário desempenhou as jóias e disse pra desabrigo que ia entregar elas pra madame dona delas E quando seu vigário foi vender as jóias na joalheria disseram pra ele que aquilo era micha das mais puras e ele foi na polícia dizer que tinha caído no conto

O SEU DIA CHEGARÁ

Dona da pensão veio falar pra evêmero

– Tem gado aí le percurando

– Gado dona anabelina?

– Pensa que eu não conheço mulher da vida até pelo chero?

Mulher da vida que tava procurando ele era durvalina Vinha trazer cigarros e frutas e grana prele levar pro desabrigo

– Ele tá no hospital?

– Tá é em cana outra vez e outra vez por causa do cobrinha O senhor não sabia?

– Lhe juro que tava em brancas nuvens

Aí durvalina contou como o cobra tinha se encontrado com miquimba e se lastimado da sorte Miquimba então tinha falado pra desabrigo que o cobra andava mesmo fudido e vai desabrigo baratinou um padre apanhou a granolina dele e mandou miquimba dar pro cobra

Agora o faxina do distrito me falou que ele vai pegar

processo

— Quanto tempo de cadeia?

— Num seio não Acho que vou meter advogado pra soltar

ele

E disse que a margô tinha dito que ajudava ela a pagar advogado e disse que margô tinha agora um velho abacanado que ajudava ela e disse que

— Sempre que eu olho praquele velho granfa fico pensando “Deixa estar seu pirobo O seu dia chegará!”

— Por enquanto é só cartaz de loteria durva

— Por enquanto é Mas um dia o azar dá neles também e eles fica igual à gente

Então achou que era hora de ir indo e foi Ainda tava na porta quando pediu

— Não diga pro desabrigo quem mandou as coisas prele ouviu? Faça boca de siri

E aí é que foi simbora se remexendo se requebrando se remoendo se rebolando toda pelos corredores da pensão deixando dona anabelina que viu ela passar tiririca safada aporrihada porque já tava na casa dos cinqüenta e nove e meio e não tinha macho que tivesse corage de topar ela nem no escuro Falou danada

— Essas vaca!

E só de raiva que ficou quebrou o pinico de ouro que o primeiro gostoso dela coronel da guarda nacional tinha le dado lá por volta de 1900 quando ela era a mais gostosa e esporrentamente bela aleijada (leia-se donzela) da bahia com h por causa do senhor pedro calmon

BATALHA DE CONFETI

Coisada tava carnaveando fantasiado de jeca na batalha de confeti da praça onze quando cobrinha encontrou ele Cordão "fome aqui é mato" vinha passando e cantando o samba maior de 42

*Quero ficar aloprado
tomando um porre danado
talvez a coisa se ajeite
Mas é mesmo minha sina
vem minha cabrocha e ensina
— meu amor beba mais leite ...*

Cobrinha esperou o bloco acabar de passar e falou
— Esse samba era meu Me bateram ele lá no "nice" e agora tá abafando

— O cumpadi tem razão Essis cabra do "nice" véve robando os ôtros praque o que êlis fais num dá pa pagá o capim quêlis come

Cobrinha riu por causa do que o coisa tinha dito e porque achou graça dele imitar fala de caipira e porque precisava de rir porque tristeza não paga dívidas Quando parou de rir falou

— Eu dando soco porque não tenho milequinhentos pro espanhol da bira e esses lunfa apanhando os pacotes que o samba deve tá dando Essa vida é uma merda seu coisada!

— Fedorenta cumpadi! Mais iscute aqui só Vancê inda tá sem cobre?

— Liso teso duro como um poste!

— Cumpadi miquimba num lhe deu uma vaca pra vancê?

— Nem um galo nem um peru nem um cachorro quanto mais uma vaca Me deu sim foi ùm vale pro china ... Por que tás perguntando?



- É pruque . . . pruque maginei
– Se pensamento fosse verdade todo mundo era rico Às vezes eu faço de conta que sou rico mas não adianta porque é só por dentro e ninguém nunca é rico de verdade só por dentro
O “fome aqui é mato” passou estribilhando

*Não bote água no leite leiteiro
Bote cachaça pra defender mais dinheiro*

Então bateria se desmilingüindo todo mundo meteu a segunda parte

*Quero ficar aloprado
tomando um porre danado
talvez a coisa endireite
Vou no boteco da esquina
O garção chega e se enclina
– O senhor vai querer leite?*

Coisada não se agüentava mais Se virou pra cobrinha
– Vamos cair na fuzarca?

Vancês tarveis num querdite mas – Ihis juro pulos santos tudo que a fulinha dá – cum fome i tudo cobrinha si meteu no broco e ficou sambando inté o dia manhecê Pru causa dessas coisas é que eu perfiro os anarfabeto aos pessoá que tem leitura compreta e garro a maginá tamem as veis qui o zaratustra bem que tinha rezão quano dizia – “Eu só aquerditaria num deus que sobesse sambá . . .”

VI – PUNTO DI VISTA

É o seguinte modo de ver de pirandello no “sei personaggi in cerca d’autore”

“Mas se é tutto quil male! Nelle parole! Abbiamo tutti dentro un mondo di cose; ciascuno un suo mondo di cose! E come possiamo intenderci, signore, se nelle parole ch’io dico metto il senso e il valore delle cose come sono dentro di me; mentre, chi le ascolta, inevitabilmente le assume col senso e col valore che hanno per sé, del mondo com’egli l’ha dentro? Crediamo d’intenderci; nom c’intendiamo mai!”

O ETERNO RETORNO

Evêmero andando pelas ruas do mangue (agora o mangue acabou) andando pelos escuros da lapa (a lapa acabou) passando pela praça onze (praça onze acabou) procurando os irmãos dele

– Cadê a sara saracura o coisa o miquimba o velho bonzão na cuíca o rio de janeiro do meu tempo que não é o tempo do senhor luiz edmundo?

Ninguém não respondeu prele Falou mais

– Cadê durvalina margô todas prostitutas minhas irmãs e o gerente do “flor do estácio” e o garção que gostava de samba e até o guarda 69?

Ninguém não respondeu outra vez feito deus naquela poesia do castro alves Perguntou de novo

– E o camelô e o cobrinha e a manicure e a cara que não era do *salvation army* e o coronel da dona anabelina mais ela cadê?

Aí viu delegado anacreonte passar num v. 8 e o anatole passou também desmamando uma garotinha de onze anos e o vigário benzia eles com a mão esquerda E todos se riam dele embora ele não ligasse e continuasse perguntando

— Cadê meu irmão desabrigo cadê?

Então uma voz que vinha passando e que se chamava verbo respondeu pra ele

— Teu mano desabrigo vai ficar toda vida no xadrez e eu acho melhor que em vez de tar berrando aí feito um bezerro tu faça alguma coisa Ele foi encanado por ajudar um pilantra como você que tava se devorando pra se conservar

Evêmero então foi indo pra casa e foi pensando “É preciso fazer mesmo alguma coisa Isso não pode ficar assim!” Metralhadoras pipocavam na imaginação dele “É preciso fazer qualquer coisa — um esbregue danado de medonho ou uma revolução” Bombas explodiam arrebatavam quebravam casas



GLOSSÁRIO

Nota do Autor

O lexicógrafo improvisado da segunda edição deste livrinho tentou dar uma de mestre Aurélio e entrou pelo cano. Tome-se, por exemplo, *engalicado* — vocábulo de origem erudita, segundo pensamos, e que nunca significou *desconfiado* ou *cabreiro*, como supõe o filólogo *manqué*. Para evitar erro, bastar-lhe-ia situar a palavra no contexto e perceberia que ninguém fica “mancando da perna um porrão de tempo” por estar *desconfiado*. Vejamos, pois, qual é o sentido do termo e sua presumível gênese.

No Rio de antanho, como sabemos, as mercadoras de amor eram em grande parte gaulesas e pegar uma doença venérea com uma delas equivalia a ser contaminado por uma filha da . . . Gália. Ora, podemos imaginar que, ao apanhar sua moléstia com uma francesa, algum *habitué* culto dos prostíbulos tenha inventado o neologismo e dito que ficara *engalicado*. Assim, daria a entender que a sua infecção não provinha de um puteiro comum, mas de uma *maison close* — o que não deixa de ser um consolo, pois sempre foi considerado meritório entre nós consumir produtos importados. Esta é, pensamos, a nobre origem do vocábulo que logo se converteu num plebeísmo e começou a designar as moléstias venéreas, sem qualquer referência à etnia do objeto sexual.

Agora bem, depois da primeira edição de nosso livro, a maioria dos termos de gíria foram dicionarizados ou se tornaram familiares aos leitores. Faz-se necessário, porém, retificar os erros do vocabulário anterior, dar o sentido das palavras ainda não lexicalizadas ou das que já caíram em desuso, motivos que levaram o autor à feitura deste novo glossário.

A

- Abacanado** — Que ostenta jóias ou veste roupas de bacana.
- Abacaxi** — Dificuldade. *Hora do Abacaxi*: programa radiofônico de encômios à ditadura getulista, denominado oficialmente *Hora do Brasil*, de transmissão obrigatória e difícil de suportar pelos ouvintes.
- Abafante** — Pessoa que encanta pelos predicados físicos.
- Abafar** — Furtar. *Samba que abafa*: samba de sucesso.
- Afanar** — Roubar.
- Agá** — Momento culminante, hora *h*. Auxiliar de camelô, o qual simula comprar-lhe as mercadorias para estimular as vendas.
- Água-que-passarinho-não-topa** — Bebida alcoólica forte.
Variante: água-que-passarinho-não-bebe.
- Algum** — Dinheiro (usado apenas na locução *o algum*).
- Aloprado** — Alegre sem motivo, eufórico. Na época atual: aloucado.
- Anauê** — Palavra indígena com a qual se designava o adepto do Partido Integralista, agremiação política de direita. Quando dois integralistas se encontravam, saudavam-se com um duplo e mútuo *Anauê!*, ao modo de nossos silvícolas.
- Atrasado** — Carente há muito tempo de relações sexuais.
- Autópsia** — Furto de algo contido nos bolsos interiores de roupa.
- Avenida** — Corte extenso de arma branca.
- Azia** — Corruptela humorística de azar.

B

- Babaca** — Vagina. *Um babaca*: tolo.
- Bacana** — Pessoa que ostenta luxo, veste roupas de tecido caro e se adorna com jóias de alto preço. Provém da gíria argentina *bacan* e foi introduzida em nosso meio por marginais portenhos.

- Bafafá** — Confusão, tumulto.
- Bagana** — Ponta de cigarro já fumado. O mesmo que guimba, vinte.
- Baile** — Zanga, estrilo, briga verbal.
- Banho** — Ganhar qualquer disputa com ampla vantagem.
- Banzé** — Bagunça, desordem, barulho. Segundo Macedo Soares, seria um africanismo, derivado do quimbundo *mazue*, plural de *rizue* (vozes), através da forma hipotética *mbanzue*.
- Baratinar** — Enganar ou prejudicar por meio de fraude. Provém de *baratiner*, gíria francesa de idêntico sentido.
- Basquete** — O mesmo que batente.
- Bate-fundo** — Briga.
- Batente** — Ocupação, trabalho.
- Bira** — Abreviatura de *birosca*, hospedaria de péssima categoria, na qual se alugam camas por uma noite.
- Blot** — Em *argot*, tarefa da qual alguém se desincumbe a contragosto. *Ça c'est mon blot*: Esse é o meu ofício.
- Boiar** — Comer (a bóia).
- Brasileira** — Tuberculose.

C

- Cabaçuda** — Mulher dotada de cabaço (hímen).
- Cabide** — Crédito, conta aberta. *Botar no cabide*: pôr na conta.
- Cagaço** — Medo, temor.
- Cagada** — Algo obtido por sorte, sem mérito próprio.
- Calcanha** — Calcanhar. *Meter o calcanhar*: pôr-se a caminhar.
- Camelô** — Mercador de rua. Provém do francês popular *camelot*.
- Cana** — Polícia. Aprisionamento. *Entrar em cana*: ser preso.
- Canal (zona do)** — Bairro de prostíbulos situado perto do canal do Manguê.
- Canastra** — Pejorativo de cana.
- Cara** - Pessoa indeterminada. *Estar com a cara e a coragem*: estar desprovido de tudo, sem ter perdido o ânimo.

Carcamano — Pejorativo de *italiano*.

Caridade — Copular por bondade, sem receber paga em troca ou porque sinta desejo.

Chapinha — Jogo a dinheiro em que o apostador só ganha se acertar sob qual de três chapinhas de cerveja, dispostas sobre um cartão ou folha de papel dobrada, acha-se uma bolinha.

China — Restaurante de ínfima qualidade, explorado por chineses.

Chuveiro — Anel de brilhantes dispostos em círculo.

Compadre — Proprietário de um bar freqüentado por malandros, cantores e compositores de música popular, situado próximo ao Manguê.

Conasse — Pejorativo de vagina (em argot).

Circuncisfláutico — Posudo (segundo Raul Pederneiras no seu *Vocabulário de Gíria Carioca*).

Crivo — Cigarro.

D

Defesa — Ganho ocasional, geralmente ilícito.

Desguiar — Sair, ir embora.

Desmamar — Namorar criança.

Desmilingüir — Agitar. Agir com frenesi.

Dona Justa — A Justiça.

Duro — Sem dinheiro.

E

Enrustir — Guardar, esconder.

Esbregue — Barulho, conflito, sururu.

Escolado — Esperto, conhecedor dos recursos de emergência a adotar para sobreviver.

Esculachar — Bater, ofender.

Esporro — Briga, barulho, carão.

Esquentar — Bater, empurrar.

Estácio — Tolo, palerma. Inicialmente, designação depreciativa de morador do bairro do Estácio por indivíduos de outros bairros; mais tarde: qualquer sujeito tolo.

F

Fandango — Festa em que se dança.

Faxina — Aquele que executa serviço de limpeza na cadeia.

Ferro — Arma branca (navalha, punhal etc.).

Fiapo — Olhar rápido de soslaio, olhadela.

Flozô — Fazer-se de difícil, afetando virtude ou pudor.

Forra — Desforço, vingança.

Frege — Desordem, fuzuê, distúrbio.

Fruta — Pederasta passivo.

Fuzarca — Orgia, folia, pândega.

G

Gado — Prostituta.

Gaita — Dinheiro.

Galego — Português (depreciativo).

Galhada — O que deriva de um ato, conseqüência.

Galhardo — Carlos Galhardo, cantor popular de renome.

Galo — Nota de cinquenta mil réis.

Garce — Prostituta em *argot*.

Getulinho — Moeda divisionária com a effigie de Getúlio Vargas.

Gordura — Alimento, comida de sal.

Grana — O mesmo que gaita.

Grelar — Olhar fixamente.

Gringo — Estrangeiro não latino: sábio, judeu, alemão etc.

Grude — Pejorativo de comida.

Grupo — Mentira.

Guimba — O mesmo que bagana.

I

Igualdade — Indivíduo prestimoso, amigo, boa pessoa.

L

Laite em Pó — Tradução cômica de *Light and Power*, empresa que explorava o transporte de bondes. Os funcionários da Light eram, em sua maioria, lusitanos. E, como estes também dominavam na época o comércio de laticínios, dizia-se numa piada: "potruca trabalha na Laite em Pó ou é laiteiro".

Leros — Palavrório, conversa sem interesse, lengalenga.

Linha — Atitude, postura.

Liso — Sem dinheiro.

Lunfa — Larápio. Provém da gíria argentina, com o mesmo sentido.

M

Mancada — Erro ou lapso.

Mangos — Mil-réis, cruzeiros. *Mulher de cinco mangos*: prostituta do baixo meretrício, barateira.

Manjado — Conhecido, observado.

Meia-trava — Redução de velocidade em veículos motorizados.

Melado — Sangue.

Micha — Moeda ou jóia falsa. *Chave micha*: gazua.

Michê — Cliente de prostituta. Provém do vetusto francês *miché*.

Micheton — Aumentativo de *miché* em *argot*.

Minetti — Coito oral em mulher, no francês de prostíbulo.

Miserê — Estado de penúria extrema.

Mosquear — Ficar às moscas, sem fazer nada.

N

Nacional — Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Emissora do Governo.

Nagô — Pertencente à súcia dos nagôs, arruaceiros que se alugavam a políticos, em dia de eleição, para impedir os eleitores dos adversários políticos de votar.

Né — Elisão de *não é*. Cremos ter sido o primeiro escritor a registrá-la.

Neca — Nada.

Nenhum — Antônimo de *algum*, usado apenas precedido de artigo. Estar a *nenhum*: estar sem dinheiro.

Néris — O mesmo que *neca*. *Néris de pitibiriba*: nada de nada.

A variante *neruscóide de pitibiróides*, com sufixo parasitário *oides*, cujo valor é expletivo, tem idêntico sentido.

Níquel — Moeda de pouco valor, coisa insignificante. *Não pescar níquel*: não entender nada.

Nove pontos — Velocidade máxima de bonde.

P

Pala — Parte de alguma coisa. *Dar as palas*: mostrar incompletamente, deixar entrever. *Não dar pala*: ocultar.

- Palpite** – Opinião de intrometido. Sugestão dada ou pedida em jogo de azar.
- Panilairo** – Paneleiro. Em calão português, pederasta passivo.
- Panos** – Vestes.
- Pau-pequeno** – Pequena caixa de fósforos.
- Peito** – Coragem, ânimo. *Meter os peitos*: dispor-se.
- Peixe** – Matéria de que se trata ao falar.
- Peru** – Vinte mil réis.
- Pesado** – Azarado, caipora, sem sorte.
- Piçuda** – Irritada, furiosa.
- Pilantra** – Indivíduo sem mérito e cheio de pretensões.
- Pindura-saia** – Pendura-saia. Morro de favelados, situado na parte norte do Rio.
- Pirantes** – Os pés. *Dar os pirantes*: pôr-se a correr.
- Pirar** – Ir embora, fugir.
- Piva** – Menino marginalizado. Abreviatura de pivete.
- Potruca** – Português, variante de *portuga*.

Q

- Quirica** – Vagina.

S

- Saco** – Testículo. *Puxar saco*: bajular.
- Safo** – Capaz de sair de uma situação difícil.
- Sinuca** – Dificuldade. *Sinuca de bico ou de biculina*: grande dificuldade.
- Soco** – Vigília forçada. Usado apenas na locução *dar soco*: passar a noite em claro por não ter onde dormir.
- Solinjada** – Navalhada.
- Sueca** – Navalha, especialmente a de aço sueco da marca

Solingen.

Sururu — Briga, desordem.

T

Teco — Reprimenda que perturba, choca.

Teso — Sem dinheiro.

Tiragem — Bando de policiais, *tiras*, na gíria.

Tista — Corruptela de tostão, moeda de cem réis.

Totó — O mesmo que cachorro, cinco mil réis.

Trela — Conversa.

Tusta — Variante de tista.

U

Ursada — Maldade, deslealdade.

V

Vaca — Em sentido erótico, prostituta; em sentido econômico, nota de cem mil réis.

Vê-oito — Automóvel de oito cilindros dispostos em vê. Em gíria: calcinha de mulher.

Veado — Pederasta passivo.

Vila — O bairro de Vila Isabel, célebre por seus sambistas.

W

W.C. — Iniciais de *water closet*, pintadas na porta das latrinas

de boteco.

X

Xilindró — Cadeia.

Z

Zona — Local onde se localiza prostíbulo. Ver *canal*.

DEPOIMENTOS

... É um dos mais importantes escritores latino-americanos e tem sido vítima do establishment por sua obra profundamente crítica. Escritor maldito, já se firmara em 45, quando, ao lado de outros jovens artistas, fundou o grupo Malraux. Sua novela Desabrigo, toda escrita em gíria, é uma raridade na nossa história literária e desconhecida por muita gente importante. Conversando com Fraga, tomei contato com a literatura desconhecida pela maioria dos jovens. Pelas mãos dele, conheci Kafka, Joyce, Hesse, Huxley, Saroyan, Maiakovski, entre outros.

Como um novo Sócrates, ele corrompia gerações inteiras em plena Idade Média da ditadura de então.

Hélio Rocha (escritor)
Suplemento da Tribuna, out. 78

“Antônio Fraga?” Antônio Fraga.

Acho que o desconcertante Fraga, de talento explosivo em 1942, ano real em que escreve Desabrigo, flagra toda uma mentirada de política literária tida como cultural e representativa do país. Em nome de uma memória nacional, toda a elite aproveita para enterrar os intérpretes fortes e desconcertantes do quadro da sociedade. É um bom álibi. A culpa pelo esquecimento a que estão atirados todos estes autores cabe ao nosso elitismo e aos nossos preconceitos. Continuamos nos nossos estéreis congressos de escritores, badalando os nossos penduricalhos e a nossa sapiência tupiniquim. Quem tivesse apostado no caos certamente acertaria na mosca: que estranho país escalafobético e estrambótico.

Olha aí, Fraga, preferível continuar em Queimados do que queimado aqui na Bruzundanga. Pelo menos você não é caloteado.

Talvez ainda hoje, mais de trinta anos da publicação de Desabrigo, não tenhamos crítica para interpretar o escrito. E Fraga continua banido de todos os compêndios e manuais de nossa literatura.

João Antônio (escritor)

Suplemento da Tribuna, out. 78

Cheguei ao Rio de Janeiro em 1943, mas tenho a impressão de que sempre conheci o Fraga. Ele é dessas pessoas que de repente caem na sua vida e se integram à sua biografia sem você saber como. Aliás, isso vai muito bem com o próprio Fraga, que é um personagem que parece vir de nós, mas para ele não. Eu acho isto fantástico, uma pessoa que é capaz de ser ela mesma permanentemente. Uma figura frágil, sensível e ao mesmo tempo de uma força absolutamente de granito.

Minhas lembranças dele estão todas ligadas à Lapa, onde passávamos as noites nos botecos conversando sobre estética, música, política, anarquismo. Nessa época eu participava do grupo Música Viva, com o Guerra Peixe. Acho que conheci primeiro o Desabrigo do que o Fraga. O livro é um marco na literatura brasileira, a leitura dele me impressionou muito, pela primeira vez eu tomei conhecimento de um texto desse tipo, uma transposição perfeita do linguajar do bas-fond carioca.

Edino Krieger (maestro e compositor)

Depoimento recolhido em abril de 1988

Lembro do Fraga vendendo Desabrigo: pendurava os livrinhos num barbante de um poste ao outro e dizia que com autógrafo era mais barato.

Dionísio del Santo (artista plástico)
Depoimento recolhido em abril de 1988

O que há, não é post-modernismo e sim a nova literatura do Brasil. Veja: na prosa a maturidade está aí, em Clarice Lispector, em Guimarães Rosa, em Antônio Fraga.

Oswald de Andrade (escritor)
Diário de Notícias, 1947

Me parece que Antônio Fraga corresponde ao que os franceses chamam de "caso literário". Eles se referem aos que não se enquadram nas classificações correntes de tendências e acabam marginalizados. Acabam sendo tardiamente reconhecidos como precursores. O texto de Fraga é antecipatório de uma série de modos de escrever eminentemente modernos. A sua marginalização se deve à colisão do seu modo de escrever com os padrões beletristas — ainda vigentes — de quando ele começou.

Cláudio Willer
(secretário-geral da União Brasileira de Escritores)
Jornal do Brasil, nov. 85

Fraga tem uma rara capacidade de transpor o enunciado oral para o escrito, Há uma descrição da fala de um camelô que me parece uma obra-prima no particular.

Celso Cunha (filólogo)
Jornal do Brasil, nov.85

Antônio Fraga: manejador seguro do idioma.

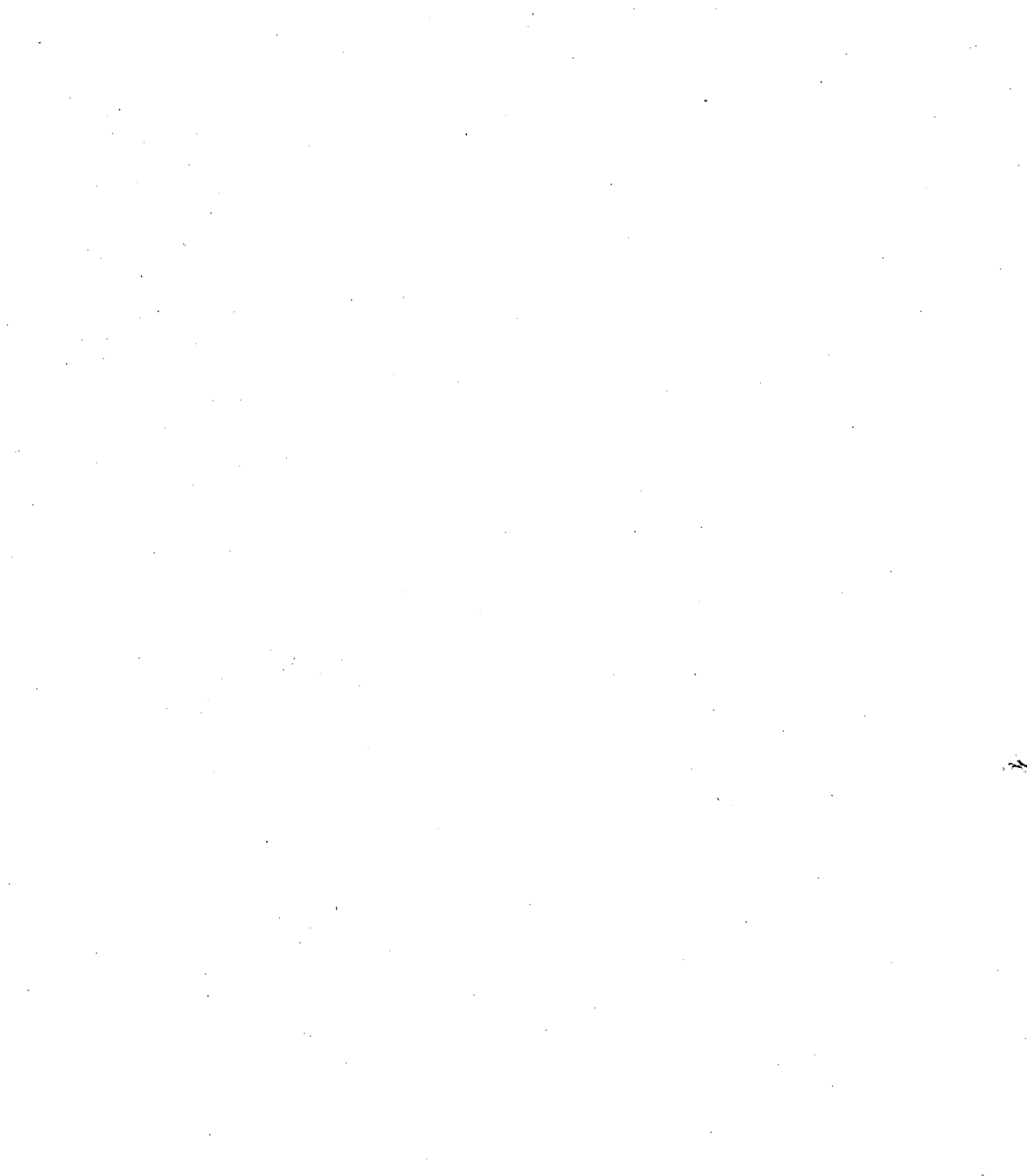
Adriano da Gama Kury (filólogo)

Carioca, profundo conhecedor da literatura clássica e moderna, Antônio Fraga é o mais moderno de nossos escritores e é também um clássico como Lima Barreto ou Machado de Assis.

Mário Pedrosa (crítico de arte)
Carta a Murilo Mendes, 1949



IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA IMPRENSA DA CIDADE
AV. PEDRO II N° 400 - S. CRISTÓVÃO
TEL.: 689-3623



E Desabrigo: "Quem trabalha pra homem é relógio seu vigário Por isso é que a gente chama ele de bobo".

Mas se assim falam os personagens do livro, seu autor, o Fraga, é um homem culto e sofisticado. Há, na novela, um posté da Light desdenhoso e que só fala inglês, assim como há uma puta francesa que, honesta, adverte o michê que está esperando "le débarquement des anglais".

A novela, além disso, se estrutura em Nietzsche e dentro dela o autor adota o nome grego de Evêmero. É Evêmero, naturalmente, quem preserva para o leitor, e para a literatura brasileira, a história de Desabrigo e Durvalina, ao sentir de súbito, no momento mais comovente da narrativa, que a única forma de impedir que a vida se desviva e se desmanche o tempo todo é escrevê-la.

Aqui o trecho:

"Evêmero andando pelas ruas do mangue (agora o mangue acabou) andando pelos escuros da lapa (a lapa acabou) passando pela praça onze (praça onze acabou) procurou os irmãos dele

Cadê a sara saracura o coisa o miquimba o velho bonzão na cuíca o rio de janeiro do meu tempo que não é o tempo do senhor luiz edmundo?

Ninguém respondeu prele".

Cresceu a angústia de Evêmero, que vai pra casa, exclamando: "Isso não pode ficar assim!" enquanto "metralhadoras pipocavam na imaginação dele". Já em casa, sem paletó, Evêmero, arregaçando as mangas, "metralhou na remington".

"Cobrinha entrou no buteco e botando dois tista no balcão pediu pro coisa

- Dois de gozo".

Assim acaba *Desabrigo*. Ou recomeça, pois ele desliza, em seus trilhos noturnos, como um daqueles antigos bondes do Rio, de placa Circular.

(ISBN 85-80086-11-X)